

MICHAEL CZERNY, SJ

A PARTIR DA *LAUDATO SI'*,  
ACOMPANHAR OS CLAMORES  
DA AMAZÔNIA E DO CONGO:  
CAMINHAR JUNTOS  
NA CASA COMUM

Encontro da Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM

Santa Fé de Bogotá, 17 de novembro de 2015

**Edições CNBB**

Título original: Desde la *Laudato si'*, acompañar los clamores de la Amazonia y del Congo: caminar juntos en la casa común – Encuentro de la Red Pan-Amazónica - REPAM

Autor: Michael Czerny, SJ

Diretor Geral: Mons. Jamil Alves de Souza

Tradução: D. Hugo C. da S. Cavalcante, OSB

Coordenação de Revisão: Letícia Figueiredo

Revisão: Renato Thiel

© Copyright 2016 – Edições CNBB

SE/Sul, Quadra 801, Conjunto B

CEP 70200-014 Brasília - DF

ISBN tradução:

**A PARTIR DA *LAUDATO SI'*,  
ACOMPANHAR OS CLAMORES  
DA AMAZÔNIA E DO CONGO:  
CAMINHAR JUNTOS NA CASA COMUM**

Como vimos, as duas redes – Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e Rede Eclesial da Bacia do Congo (REBAC) – podem encontrar seu modo de proceder, no itinerário arriscado dos últimos Sínodos. Temos a oportunidade de aprender este “caminhar juntos” (=syn-hodos), enfatizando a cultura do diálogo e do encontro.

## **I. TRÊS NÍVEIS DE AÇÃO**

*Laudato Si'* faz um chamado a todos os homens e mulheres da terra para mudar nosso estilo de vida.<sup>1</sup> Porém, também chama os líderes dos Estados a uma profunda transformação das atuais políticas locais, nacionais e internacionais,<sup>2</sup> fazendo notar as limitações existentes para um acordo climático global, apesar dos progressos alcançados.

O esforço internacional na proteção do clima, sabemos, não dependerá somente do que foi assinado em Paris no início de dezembro; exige das lideranças em todos os níveis. Exige um mar de iniciativas não lineares que apontem para diversas frentes. A Amazônia e o Congo são espaços críticos em que estamos chamados a intervir em escala local, nacional e internacional, não apenas para o bem dos que vivem nestas bacias, mas para a civilização inteira.

Particularmente, gostaria de sugerir-lhes três níveis distintos e complementares em que teremos de articular esforços: em nível local, no cultural, em nível nacional, no político, e em nível internacional, no legal. Permitam-me descrever cada um deles:

---

<sup>1</sup> LS, n. 203.

<sup>2</sup> Ibidem, n. 164-181

**O desafio cultural local:** *Laudato Si'* nos lembra que a educação e a espiritualidade são chaves na conversão e na mudança que a história nos pede. Os bispos, os agentes de pastoral e sociais, e as Igrejas locais destas bacias têm um papel fundamental no desenvolvimento de uma cultura solidária e responsável para com seus povos, especialmente com os mais pobres. Aperfeiçoar a opção preferencial pelos pobres é um exercício constante, e as crises socioambientais das bacias representam enormes desafios pastorais e políticos que temos que abordar. Contudo, este papel não é exclusivo das dioceses na região em questão, já que outras dioceses em outras partes do mesmo país, e do mundo maior, deveriam ser encorajadas a criar laços solidários que empoderem as dioceses das bacias com capacidades, recursos e serviços.

Outra linha de trabalho a partir do cultural em escala local também pode dar-se no apoio visível às organizações, povos e pessoas que as assumem na luta contra os grandes projetos de morte impostos na Amazônia. Parece-me fundamental visibilizar o respaldo eclesial, como fez o Documento de Aparecida em 2007, a indígenas, leigos, religiosos e outros que abrem uma luz de justiça e de paz no meio de conflitos e violência em crescimento exponencial.

**O desafio político nacional:** a REPAM e a REBAC necessitarão articular-se com suas respectivas conferências episcopais para esclarecer as posições a promover. Deve-se levar mais em consideração as vozes dos excluídos, dos ribeirinhos e dos povos da floresta (...), especialmente, o crescente número dos chamados “refugiados ambientais”. Em cada país, estes pedidos dos mais pobres têm que ter mais ressonância em escala nacional nos processos políticos da negociação climática. Este desafio político nacional tem que aprender a trabalhar metodicamente, sempre mais em rede, e com uma melhor comunicação.

Os Estados de ambas as bacias receberão ainda mais pressão por seus recursos naturais. É importante, então, trocar informação sobre os processos de decisão que se dão entre os países das bacias, de tal forma que possamos intervir de maneira efetiva, assegurando que a voz dos mais afetados seja escutada e respeitada. Aqui, a experiência, a facilitação e contribuição do Pontifício Conselho Justiça e Paz podem servir como apoio ao cumprimento das missões da REPAM e da REBAC.

Depois de Paris, onde cada país se comprometeu com uma série de medidas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa, se abre um processo diplomático diferente, em que a ênfase está colocada em avaliar os avanços reais e as políticas nacionais contra a mudança climática, entre elas as medidas contra o desflorestamento. Teremos que estar atentos ao desenvolvimento destes processos. Por exemplo, seria bom saber das contribuições nacionais (ou no jargão jurídico,

“Contribuição Prevista Determinada em Nível Nacional” – o INDC<sup>3</sup>) que tanto o meu país, como o seu, irão desenvolver depois da Conferência do Clima de Paris (COP21).

**O desafio jurídico internacional:** Nas palavras do Santo Padre: “É louvável a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não-delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais”.<sup>4</sup> Neste esforço, o trabalho com os organismos intergovernamentais e as organizações não-governamentais é crucial. Nem todos temos que ser especialistas, e saber tudo de todos. Porém, devemos estar lado a lado ao menos coletivamente. Seria uma tragédia pensarmos que alguns especialistas se ocuparão disso, enquanto nós não apresentamos ideia alguma.

Em escala estatal e internacional, o Pontifício Conselho Justiça e Paz pode atuar como facilitador para que a sabedoria da REPAM e da REBAC seja escutada nos foros intergovernamentais relevantes, como é o caso da Nações Unidas, da União Europeia ou do Mercosul, tal como a REPAM já interveio junto à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Por último, se faz necessário também trabalhar a escala internacional e não estatal. Uma parte importante de nossa missão no Pontifício Conselho Justiça e Paz é o diálogo com as organizações internacionais da sociedade civil, e creio que o Conselho pode ajudar que elas compreendam a missão e os objetivos da REPAM e da REBAC, além de facilitar uma discussão franca e transparente entre as partes em suas respectivas bacias.

Falamos da COP21 de Paris, porém temos de começar a pensar e falar da COP22 em Marraquexe, Marrocos (7-18.11.2016), quando a comunidade internacional vai sentar-se para avaliar os avanços alcançados do que foi decidido em Paris. Ali a REPAM e a REBAC podem estar presentes, junto com os líderes das comunidades a que servem, para mostrar aos negociadores climáticos que aquilo que está em discussão não são os percentuais de carbono, mas a sobrevivência e a dignidade dos seus irmãos e irmãs. Vocês, com um testemunho real e concreto, têm a possibilidade de romper as discussões abstratas e técnicas, e chegar aos corações e à humanidade dos diplomatas para orientar a discussão na urgência humanitária e ambiental do nosso tempo.

Estas são as três áreas que gostaria de propor; deveremos concentrar-nos para ter iniciativas de impactos efetivos e duradouros de longo prazo.

---

<sup>3</sup> Cf. [http://unfccc.int/focus/indc\\_portal/items/8766.php](http://unfccc.int/focus/indc_portal/items/8766.php).

<sup>4</sup> LS, n. 36.

## II. O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM NOSSA CASA?

O que aconteceu em Paris, no Líbano e em Bagdá pode parecer distante do que acontece na Amazônia. Permitam referir-me aos ataques, para pensar juntos o que o choro destas cidades nos diz, aqui e agora, em Bogotá.

Temos que colocar estes acontecimentos terríveis em perspectiva histórica, política e científica, e refletir à luz do Evangelho.

Uma primeira leitura:

1. o inacabado (*unfinished business*) do colonialismo europeu no Oriente Médio;<sup>5</sup>
2. as responsabilidades dos “grandes poderes” na guerra na Síria;
3. a gestão confusa e fragmentária na escala europeia das relações com o mundo árabe;
4. a não inclusão da segunda e terceira gerações de imigrantes no Velho Continente;
5. as conexões entre segurança e imigração;
6. a relação entre Islamismo e modernidade.

Estes seis pontos são apenas sugestões para passar do choro e da compaixão a um esforço para compreender.

Paris, paradoxalmente a sede das negociações climáticas, é hoje também o cenário em que a guerra climática do Oriente Médio tem se explorado de maneira mais dramática. Pensava que guerra climática era uma profecia apocalíptica, porém não, é algo que já está acontecendo em nossa casa comum. Paris nos ilumina a partir da dor, nos interpela e nos desafia a abordar a questão da segurança mundial. Hoje a Cidade Luz e Amor nos atinge com a obscuridade da tristeza e os tambores da guerra. E ainda que o mundo vista as cores francesas, estes dramáticos acontecimentos devem ser vistos como uma advertência sobre as reais implicações da crise climática.

---

<sup>5</sup> Cf. “Paris, a guerra no coração da Europa”, *Aggiornamenti Sociali* (Milão).

Existe hoje suficiente evidência científica que indica que a longa seca no Oriente Médio e no Norte da África foi um dos grandes detonadores da chamada “Primavera Árabe”:<sup>6</sup> com o colapso da agricultura, o aumento do preço dos alimentos gerou crises econômicas que levaram ao descontentamento geral, e, por conseguinte, a conflitos violentos. Obviamente, existem muitos outros fatores históricos, culturais e geopolíticos a considerar. Porém, claramente, a mudança climática e a escassez de recursos naturais têm um papel multiplicador no problema da pobreza, e, por conseguinte, na instabilidade social e política. O caso da Síria, especialmente, deve chamar-nos a uma profunda reflexão e a pensar criativamente em soluções que prevejam ou mitiguem conflitos na Amazônia e no Congo.

Esta é uma tragédia em câmara lenta, cuja origem não teve a visibilidade que merece. Segundo o Instituto para a Terra, da Universidade de Colúmbia (EUA), o fenômeno climático *El Niño* seria o causador de numerosos conflitos surgidos por trás da Segunda Guerra Mundial: os episódios mais duros do *El Niño* teriam precedido a 30% das guerras civis em uma centena de países. O risco de um conflito se dobraria em relação aos períodos de *La Niña*. Globalmente, o aparecimento de excessivas temperaturas e grandes secas estaria relacionado com os conflitos, desde 1950 até hoje.

As Nações Unidas já reconheceram pelo menos dezoito conflitos em nível mundial, em parte gerados pelo domínio dos recursos naturais. Destes, citam-se as tensões internas e os conflitos interestatais na Amazônia colombiana e peruana por recursos de alto valor como o ouro, petróleo, coca, madeira e esmeraldas. Agora, com a mudança climática, a Amazônia e o Congo correm um risco muito maior diante da eventualidade de conflitos ainda mais intensos pelo domínio da água, das terras férteis e de outros recursos estratégicos.

É importante fazer perceber que os fatores ambientais nem sempre são a única causa dos conflitos violentos; porém, também é importante dizer que em muitos casos podem ser determinantes na reincidência: os conflitos relacionados com recursos naturais têm duas vezes mais probabilidades de acontecerem nos primeiros cinco anos. Isto nos chama, como pastores e membros da Igreja, a refletir a partir da perspectiva da *Laudato Si'*, a ser vozes proféticas e de esperança para os líderes políticos, religiosos e sociais nestas regiões, porque os processos de paz costumam organizar estes aspectos. Para poder entender para em seguida agir,<sup>7</sup> deve-se levar em conta todos os fatores, não apenas os imediatos ou diretamente vinculados. Segundo as Nações Unidas, menos de uma quarta parte das negociações de paz têm como objetivo resolver conflitos vinculados a recursos naturais.

Mas também hoje nós enfrentamos uma crise ainda maior, na qual a disponibilidade dos recursos naturais já não depende das dinâmicas políticas

---

<sup>6</sup> Cf. <http://www.scientificamerican.com/article/climat-change-hastened-the-syrian-war/>.

<sup>7</sup> “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS, n. 19).

nacionais, mas de dinâmicas climáticas e, por conseguinte, fora de todo controle. As inundações estão afetando a Amazônia e toda a América Latina, porém a escassez da água também está fortemente presente: cheia de terras cultiváveis, a região poderia ter um papel chave em assegurar a alimentação de milhões de pessoas, porém, o aumento da temperatura provocou grandes secas nos últimos anos.

Qual é o cenário ao qual nos referimos? As regiões andinas e amazônicas da América Latina, como o Centro e Sul da África, figuram entre as áreas ameaçadas pela mudança climática, junto com a Índia, Paquistão, Bangladesh, China, assim como o Caribe e o Golfo do México.

A comunidade científica alerta que a escassez de alimentos poderia ser especialmente severa nos países tropicais e subtropicais, e que a Amazônia é um dos ecossistemas que poderia ser mais prejudicado, junto com os polos, os pequenos Estados insulares no Pacífico e os litorais marítimos, incluídos os países que partilham a bacia do Congo.

Na bacia da Amazônia, a produção agrícola deverá adaptar-se a períodos de seca ou de grandes chuvas, com grãos mais resistentes, e as áreas de selva virgem deverão ser mantidas distantes da pressão do desenvolvimento insustentável. A degradação dos recursos de água potável, a insegurança quanto à disponibilidade de alimentos, os desastres naturais e a emigração por causas ambientais vão pôr à prova a estabilidade institucional e social dos países da Amazônia. Vejamos, por exemplo, o caso do Peru, onde nos últimos anos as grandes inundações arrasaram os cultivos dos povos indígenas amazônicos e provocaram enfermidades.

A bacia do Congo é outra área para a qual é preciso prestar especial atenção, considerando que grandes áreas da África estão sofrendo escassez de alimentos e água potável, o que as faz mais propensas a conflitos e mais vulneráveis à mudança climática. A tragédia de Darfur, no Sudão, é considerada a primeira guerra climática da história, em que um conflito em marcha se viu agravado desde que a seca forçou a comunidade de pastores árabes seminômades a mudar-se para as áreas dos fazendeiros africanos.

A Encíclica *Laudato Si'* faz menção especial a estas duas bacias,<sup>8</sup> em parte porque suas crises socioambientais representam os rostos mais visíveis dos saques, da destruição e da exclusão que vive a terra. Porém, cremos que podem oferecer uma enorme oportunidade para protagonizar o necessário processo de mudança, renascimento e libertação.

O Santo Padre está muito consciente dos devastadores efeitos causados pela cegueira do lucro nessas preciosas regiões do mundo. Faz-se eco do chamado de toda a comunidade científica mundial acerca da importância e urgência de proteger os pulmões do planeta, ante os devastadores efeitos causados pela cegueira do lucro... Estas bacias, e quem vive nelas, estão em perigo, e com elas estamos todos em perigo.

---

<sup>8</sup> LS, n. 38.

Eis aí o imperativo moral de construir empoderamentos locais, estratégias nacionais e solidariedade internacional efetivos e duradouros. Acima de tudo, um permanente diálogo entre todos, para muito além da Igreja Católica, “para que juntos possamos buscar caminhos de libertação”.<sup>9</sup>

## **CONCLUSÃO dirigida ao coração de cada um**

A Encíclica termina com a *Oração pela nossa Terra*. Contém uma súplica muito forte, em que pedimos ao Deus de amor que ilumine os donos do poder e do dinheiro, “para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos, e cuidem deste mundo que habitamos”.

Que o mesmo e único Deus nos faça abertos e humildes, para aplicar o mesmo pedido à nossa missão e trabalho da REPAM e da REBAC: “Ó Deus de amor, iluminai-nos para não cairmos no pecado da indiferença, que amemos o bem comum, promovamos os fracos e cuidemos deste mundo que todos habitamos”. Amém! *Laudato Si!* Louvado sejas!

---

<sup>9</sup> LS, n. 64.